

Esperança sem otimismo

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

Terry Eagleton

Esperança sem otimismo

Tradução
Fernando Santos



Título original: *Hope Without Optimism*

Primeira publicação: University of Virginia, 2015.

© 2015 Terry Eagleton

"Publicado originalmente pela Yale University Press"

© 2023 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

E11e Eagleton, Terry

Esperança sem otimismo / Terry Eagleton; traduzido por Fernando Santos. – São Paulo: Editora Unesp, 2023.

Tradução de: *Hope Without Optimism*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-163-5

1. Filosofia. 2. Fé religiosa. 3. Ideologia política. I. Santos, Fernando. II. Título.

2023-244

CDD 100

CDU 1

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Para Nicholas Lash

Não somos otimistas; não apresentamos uma visão sedutora do mundo com a qual todos devem concordar. Simplesmente temos, onde quer que estejamos, uma modesta tarefa local a realizar, do lado da justiça e em defesa dos pobres.

Herbert McCabe, O.P.

Sumário

Prefácio 11

1. A banalidade do otimismo 13
2. O que é a esperança? 59
3. O filósofo da esperança 123
4. Esperança contra a esperança 151

Referências bibliográficas 183

Índice remissivo 191

Prefácio

Como alguém para quem o famoso copo não apenas está meio vazio, mas que quase certamente contém um líquido de sabor desagradável e possivelmente letal, talvez eu não seja o autor mais adequado para escrever sobre a esperança. Existem aqueles cuja filosofia é “comamos, bebamos e nos alegremos, porque amanhã morreremos”, e outros, um pouco mais em consonância com minha própria predileção, cuja filosofia é “amanhã morreremos”. Um motivo pelo qual eu decidi escrever sobre o tema apesar desses pendores angustiantes é que ele tem sido uma ideia curiosamente omitida em uma época que, nas palavras de Raymond Williams, nos confronta com “a sensação de que o futuro está perdido”. Talvez outro motivo para evitar o assunto seja o fato de que aqueles que se aventuram a abordá-lo estão fadados a padecer à sombra do monumental *O princípio da esperança*, de Ernst Bloch, uma obra que examino no Capítulo 3. A obra de Bloch pode não ser a mais admirável nos anais do marxismo ocidental, mas é, de longe, a mais extensa.

Dizem que os filósofos abandonaram, em grande medida, a esperança. Um olhar superficial sobre o acervo de uma biblioteca sugere

que eles entregaram o tema, de forma abjeta, a livros com títulos como *Half Full: Forty Inspiring Stories of Optimism, Hope, and Faith* [Meio cheio: quarenta histórias de otimismo, esperança e fé]; *Hope and Hilarity* [Esperança e alegria]; e (o meu favorito) *The Years of Hope: Cambridge, Colonial Administration in the South Seas and Cricket* [Os anos de esperança: Cambridge, governo colonial nos Mares do Sul e críquete], sem falar nas inúmeras biografias de Bob Hope. É um assunto que parece atrair todos os moralistas ingênuos e chefes de torcida do planeta. Portanto, existe espaço para uma reflexão sobre o tema por alguém como eu, que não conhece críquete nem administração colonial, mas que se interessa pelas implicações políticas, filosóficas e teológicas da ideia.

Este livro teve origem nas Conferências Page-Barbour da Universidade da Virgínia, que fui convidado a apresentar em 2014. Agradeço imensamente a todos aqueles que me acolheram em Charlottesville durante a minha estada na cidade, especialmente Jenny Geddes. Quero registrar minha gratidão especial a Chad Wellmon, que organizou minha visita com uma eficácia admirável e se mostrou um anfitrião extremamente simpático e atencioso.

T. E.

A banalidade do otimismo

Pode haver inúmeros motivos aceitáveis para acreditar que uma situação acabará bem, mas esperar que isso acontecerá porque você é otimista não é um deles. Isso é tão irracional quanto acreditar que tudo dará certo porque você é albanês ou porque choveu três dias sem parar. Se não existe nenhum motivo aceitável pelo qual as coisas deveriam se resolver de maneira satisfatória, também não existe nenhum motivo aceitável pelo qual elas não deveriam se resolver de maneira insatisfatória, de modo que a crença do otimista é infundada. É possível ser um otimista pragmático, no sentido de ter certeza de que este problema, mas não aquele outro, será resolvido; mas o que se poderia chamar de otimista profissional ou de carteirinha se sente confiante em relação a situações específicas porque tende a se sentir confiante em geral. Ele vai encontrar o *piercing* de nariz que estava perdido ou herdar um solar de estilo jacobita porque a vida como um todo não é tão ruim. Ele corre o risco, portanto, de comprar sua esperança por uma ninharia. Na verdade, há uma sensação de que o otimismo é mais uma questão de crença que de esperança. Ele se baseia na opinião de que as coisas tendem a dar certo, não no compromisso

corajoso que a esperança envolve. Henry James o considerava predominante tanto na vida quanto na literatura. “Em relação às aberrações de um otimismo raso”, ele escreve em “A arte da ficção”, “o solo (especialmente da ficção inglesa) está coberto com suas frágeis partículas, como se fosse vidro moído.”¹

Como um ponto de vista geral, o otimismo é autossuficiente.² Se é difícil contestá-lo, é porque ele é uma postura primordial diante do mundo que, como o cinismo ou a credulidade, ilumina os fatos a partir do seu ponto de vista específico, e, portanto, resiste a ser refutado por eles. Daí a metáfora banal de enxergar o mundo através de óculos cor-de-rosa, que irão colorir tudo que possa desafiar a sua visão com o mesmo brilho róseo. Numa espécie de astigmatismo moral, o indivíduo distorce a verdade para adaptá-la a suas inclinações naturais, que já tomaram todas as decisões essenciais em seu nome. Como o pessimismo envolve, em grande medida, o mesmo tipo de capricho intelectual, os dois estados mentais têm mais em comum do que geralmente se acredita. O psicólogo Erik Erikson menciona um “otimismo desajustado” por meio do qual a criança não consegue aceitar os limites do possível ao não conseguir registrar os desejos daqueles que a rodeiam e a sua incompatibilidade com seu próprio desejo.³ Na visão de Erikson, é essencial reconhecer a inexorabilidade da realidade para a formação do ego, mas é justamente isso que o otimista crônico ou profissional acha difícil de alcançar.

O otimista não é apenas alguém com grandes expectativas. Mesmo o pessimista pode se sentir confiante em relação a uma questão específica, qualquer que seja a sua tristeza habitual. É possível ter esperança sem sentir que as coisas em geral provavelmente darão

1 Shapira (org.), “The Art of Fiction”, em *Henry James: Selected Literary Criticism*, p.97.

2 Um dos poucos eruditos a conferir ao otimismo uma condição de dignidade filosófica é Boden, “Optimism”, *Philosophy*, v.41, p.291-303, 1966, em ensaio que nos lembra que, embora o otimismo geralmente não seja considerado intelectualmente respeitável nos nossos dias, ele o era no século XVIII.

3 Ver Erikson, *Insight and Responsibility*, p.118.

certo. O otimista é, mais propriamente, alguém que confia na vida simplesmente porque é otimista. Ele prevê conclusões agradáveis porque esse é o seu jeito de ser. Por isso, ele não consegue aceitar a ideia de que é preciso ter motivos para ser feliz.⁴ Portanto, ao contrário da esperança, o otimismo profissional não é uma virtude, do mesmo modo que ter sardas ou pé chato não é uma virtude. Não é uma aptidão que se obtém através de uma reflexão profunda ou de um estudo disciplinado. É simplesmente uma peculiaridade de temperamento. “Olhe sempre para o lado bom da vida” tem quase tanta força racional quanto “sempre reparta o cabelo ao meio”, ou “sempre toque no chapéu servilmente ao cruzar com um cão galgo irlandês”.

Quanto a isso, a imagem igualmente desgastada do copo meio cheio ou meio vazio, dependendo do ponto de vista do observador, é instrutiva. A imagem revela o fato de que não existe nada na própria situação que determine a reação da pessoa a ela. Ela não pode oferecer nenhum desafio aos preconceitos habituais do indivíduo. Não existe nada objetivamente em jogo. Ele vai ver a mesma quantidade de líquido se for uma pessoa alegre ou taciturna. Portanto, o modo como alguém se sente em relação ao copo é puramente arbitrário. E é realmente questionável se uma opinião que é puramente arbitrária pode ser considerada uma opinião.

O assunto decerto não admite discussão, assim como nas formas mais epistemologicamente ingênuas de pós-modernismo não cabe discutir sobre crenças. O fato é que você vê o mundo da sua maneira e eu vejo da minha, e não existe nenhum terreno neutro no qual esses dois pontos de vista possam discordar entre si. Como qualquer terreno desse tipo seria, ele próprio, interpretado de maneira diferente pelos pontos de vista em questão, ele não seria de modo algum neutro. Nenhum ponto de vista pode ser empiricamente refutado, já que cada um interpreta os fatos de uma maneira que confirma sua própria validade. De maneira semelhante, tanto o otimismo como o pessimismo

4 Ver Frankl, *Man's Search for Meaning*, p.140.

são formas de fatalismo. Não há nada que se possa fazer quanto ao fato de ser otimista, como não há nada que se possa fazer quanto ao fato de ter 1,60m. O indivíduo está acorrentado à sua alegria como um escravo ao seu remo, o que é uma perspectiva bastante sombria. Como no caso do relativismo epistemológico, o que resta aos dois campos é respeitar a opinião um do outro, em uma espécie de tolerância meio ineficaz. Não existem bases racionais para decidir entre os dois casos, assim como para uma certa corrente de relativismo moral não existem bases racionais para optar entre convidar os amigos para jantar e pendurá-los de cabeça para baixo na viga do teto enquanto você lhes esvazia os bolsos. A esperança autêntica, por outro lado, precisa estar sustentada por motivos. Nisso ela se parece com o amor, do qual, teologicamente falando, ela é um modo específico. Ela precisa ser capaz de perceber as características de uma situação que a tornam digna de crédito. Caso contrário, ela é apenas um pressentimento, como estar convencido de que há um polvo debaixo da cama. A esperança precisa ser falível, o que não se aplica ao temperamento alegre.

Mesmo quando o otimismo reconhece que os fatos não o sustentam, seu entusiasmo pode continuar inalterado. Mark Tapley, um personagem de *Martin Chuzzlewit* de Dickens, é tão fanaticamente bem-humorado que vai atrás de situações terríveis que deixariam os outros desesperados para demonstrar que a sua genialidade não veio a troco de nada. Como Tapley deseja que a sua situação seja a mais terrível possível para se sentir contente consigo mesmo, seu otimismo é, na verdade, uma forma de egoísmo, como acontece com a maioria dos pontos de vista no romance. Ele é parecido com o sentimentalismo, outra forma de simpatia que diz respeito, secretamente, a ele mesmo. O egoísmo é tão comum em *Martin Chuzzlewit* que mesmo a generosidade de espírito de Tapley é retratada como uma espécie de idiossincrasia ou capricho de temperamento, raramente um fenômeno moral. Existe uma sensação de que ele não quer realmente que a situação melhore, já que isso retiraria o valor moral da sua sinceridade. Sua disposição jovial, portanto, é cúmplice das forças que espalham a miséria

ao seu redor. O pessimista também desconfia das tentativas de aperfeiçoamento – não porque elas o privariam de momentos de alegria, mas porque acredita que existe uma grande probabilidade de elas fracassarem.

Os otimistas tendem a acreditar no progresso. Porém, se as coisas podem ser aperfeiçoadas, então isso significa que a sua atual situação deixa a desejar. Nesse sentido, o otimismo não é tão confiante como aquilo que o século XVIII conheceu como optimalismo – a doutrina leibniziana de que habitamos o melhor dos mundos possíveis. O otimismo não é tão otimista quanto o optimalismo. Para o optimalista, nós já desfrutamos do melhor dos sistemas cósmicos possíveis; o otimista, por outro lado, pode reconhecer os defeitos do presente enquanto contempla um futuro mais resplandecente. A questão é saber se a perfeição já está aqui ou se é um objetivo para o qual nos dirigimos. No entanto, não é difícil perceber que o optimalismo pode constituir uma receita para a inércia moral, o que pode, então, minar sua afirmação de que o mundo não pode ser aperfeiçoado.

Os optimalistas são tão privados de esperança quanto os niilistas, porque eles não precisam dela. Como eles não percebem nenhum clamor por mudança, podem acabar associados aos conservadores para os quais tal mudança é deplorável, ou para aqueles aos quais a nossa situação é corrompida demais para permiti-la. Henry James observa: “embora o conservador não seja necessariamente otimista, penso que é bem provável que o otimista seja conservador”.⁵ Os otimistas são conservadores porque sua fé num futuro favorável está baseada na confiança de que o presente é basicamente irrepreensível. Na verdade, o otimismo é um elemento típico das ideologias da classe dominante. Se os governos geralmente não estimulam os cidadãos a acreditar que existe um apocalipse assustador à espreita na esquina, isso se deve em parte ao fato de que, para uma população esclarecida, a alternativa pode ser o descontentamento político. O desalento, por

5 James, *Literary Criticism*, v.2: *European Writers: Prefaces to the New York Edition*, p.931.

outro lado, pode ser uma postura radical. Só se você considerar que a sua situação é crítica irá reconhecer a necessidade de transformá-la. O descontentamento pode ser um estímulo para a reforma. Por outro lado, é provável que os otimistas apresentem soluções absolutamente cosméticas. A verdadeira esperança é mais necessária quando a situação é mais gritante, um estado de adversidade que o otimismo reluta em aceitar. Seria preferível não precisar ter esperança, já que a necessidade de fazê-lo é um sinal de que o inaceitável já aconteceu. Para o Antigo Testamento, por exemplo, a esperança tem um subtexto lúgubre, incluindo, como é o caso, a destruição dos ímpios. Se alguém precisa da virtude, é porque existe uma grande quantidade de vilões por aí.

Friedrich Nietzsche diferencia, em *Schopenhauer como educador*, dois tipos de alegria – um inspirado por um confronto trágico com algo medonho, como no caso dos antigos gregos, e outro, um sinal superficial de entusiasmo que adquire sua resiliência às custas de uma consciência do irreparável. Ele é incapaz de olhar os monstros que pretende combater diretamente nos olhos. Nessa medida, a esperança e o otimismo temperamental estão prontos para a briga. Na visão de Nietzsche, a verdadeira leveza de espírito é penosa e exigente, uma questão de coragem e autossuperação. Ela derruba a diferença entre alegria e seriedade, e é por isso que ele pode escrever em *Ecce Homo* que está “alegre, ainda que rodeado apenas por verdades desagradáveis”. Na verdade, Nietzsche também tinha motivos condenáveis para rejeitar o otimismo. Em *O nascimento da tragédia*, ele o descarta com um espírito machista como uma “doutrina anêmica”, associando-o às perigosas aspirações revolucionárias da “classe de escravos” do seu tempo.

Theodor Adorno observou certa vez que os pensadores que nos mostram a verdade sóbria e simples (ele tinha em mente Freud, em particular) eram mais úteis à humanidade que os utopistas crédulos. Veremos posteriormente como o colega de Adorno, Walter Benjamin, construiu sua visão revolucionária a partir de uma desconfiança do progresso histórico e a partir também de uma profunda melancolia.

O próprio Benjamin chama esse ponto de vista de “pessimismo”, mas também é possível considerá-lo realismo, a condição moral mais difícil de alcançar. Num célebre ensaio sobre o surrealismo, ele menciona a necessidade urgente de “organizar” o pessimismo com fins políticos, em oposição ao otimismo simplório de certos setores da esquerda. Existe, ele escreve, uma carência de “pessimismo em toda a linha. Absolutamente. Desconfiança do destino da literatura, desconfiança do destino da liberdade, desconfiança do destino do humanitarismo europeu, mas desconfiança tripla de toda reconciliação entre as classes, entre as nações e entre os indivíduos. E confiança ilimitada apenas na I. G. Farben e na precisão pacífica da força aérea”.⁶ O ceticismo obstinado de Benjamin está a serviço do bem-estar da humanidade. É uma tentativa de permanecer friamente lúcido em nome da ação construtiva. É verdade que, em outras mãos, a visão desesperada de Benjamin poderia questionar a própria possibilidade de transformação política. Talvez uma certa impotência faça parte da catástrofe geral. Se for assim, então quanto mais a situação piora, mais difícil pode ser modificá-la. Benjamin não pensa assim. Para ele, a rejeição do otimismo é uma condição essencial da transformação política.

Otimismo e pessimismo podem ser características de visões de mundo bem como de indivíduos. Os liberais, por exemplo, tendem ao primeiro, enquanto os conservadores se inclinam para o segundo. De modo geral, o liberal acredita que os homens e as mulheres se comportarão de forma conveniente se puderem prosperar livremente, ao passo que o conservador tende a considerá-los criaturas imperfeitas e imprevisíveis que precisam ser controladas e disciplinadas caso se queira extrair algo de proveitoso delas. Existe uma diferenciação semelhante entre os românticos e os classicistas. De modo geral, a Idade Média foi menos eufórica em sua avaliação da humanidade que

6 Benjamin, *One-Way Street and other Writings*, p.238 (tradução [para o inglês] levemente corrigida).

o Renascimento, pois estava mergulhada num sentimento de pecado e corrupção. Ignatius Reilly, o herói do romance *Uma confraria de tolos*, de John Kennedy Toole, e um defensor resolutivo da civilização medieval, declara: “o otimismo me dá nojo. Ele é perverso. Desde a sua queda, o homem ocupa no universo o lugar do sofrimento”.

Os conservadores tendem a se dividir entre os chamados deterioracionistas, para os quais existiu uma idade de ouro da qual nós decaímos de maneira desastrosa, e aqueles para os quais toda era é tão degenerada como qualquer outra. É possível interpretar *A terra devastada*, de T. S. Eliot, como uma combinação dessas circunstâncias mutuamente contraditórias. Também tivemos ideólogos do final do século XIX que eram otimistas e pessimistas ao mesmo tempo, louvando as virtudes da civilidade e da tecnologia enquanto consideravam que elas estavam ligadas, por toda parte, à entropia e à degeneração, sobretudo na proliferação de uma classe baixa meio selvagem.⁷ Tanto marxistas como cristãos são mais pessimistas a respeito da situação atual da humanidade que liberais e social-reformistas, embora sejam muito mais otimistas a respeito das suas perspectivas futuras. Em ambos os casos, essas duas atitudes são lados da mesma moeda. Tem-se fé no futuro porque se procura confrontar o presente em seu aspecto mais repugnante. Como veremos posteriormente, é uma maneira trágica de pensar, estranha igualmente aos progressistas radiantes e aos Jeremias carrancudos.

É difícil negar que realmente houve progresso na história da humanidade.⁸ Aqueles que se permitem duvidar dele, um grupo que inclui inúmeros pensadores pós-modernos, provavelmente não gostariam de voltar a queimar bruxas, à economia escravista, ao saneamento do século XII ou à cirurgia antes da anestesia. Que vivamos

7 Ver Jones, *Outcast London: A Study in the Relationship between Classes in Victorian Society*; e Angenot, *Le Centenaire de la Révolution 1889*.

8 Para uma defesa (não inquestionável) do progresso e do Iluminismo, ver Tallis, *Enemies of Promise*.